

No ministério de Cristo, os ministérios da Igreja

LUIS MAZZOCHINI¹

Resumo: A teologia dos ministérios está fundada na certeza de que o Ministério salvífico de Cristo é a fonte de todos os ministérios da Igreja. Por meio do Mistério pascal, a condição humana de colaborador criatural de Deus é elevada a condição de *Imago Christi Ministri*, que torna os cristãos ministros de Cristo ao interno das comunidades e no meio do mundo.

Palavras-chave: Cristo; Igreja; Ministério; *Imago Christi Ministri*.

-
1. Especialista em Ensino Religioso (Fundamentos e Metodologia do Ensino Religioso em Ciência da Religião) pela Universidade Regional de Blumenau; Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo/RS e em Teologia pela Faculdade Dehoniana, em Taubaté/SP. Presbítero da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos). Este artigo científico é o resultado da Síntese Teológica apresentada, defendida e aprovada como exigência para obtenção do título de Bacharel em Teologia, em novembro de 2014, sob a orientação do Prof. MSc. Eduardo Dalabeneta.

Riassunto: La teologia dei ministeri è fondata sulla certezza che il ministero salvifico di Cristo è la fonte di tutti i ministeri della Chiesa. Per mezzo del Mistero pascale l'umana condizione di collaboratrice criaturale di Dio è elevata alla condizione di *Imago Christi Ministri*, che fa i cristiani divenire ministri di Cristo all'interno delle comunità e nel mondo.

Parole chiave: Cristo; Chiesa; Ministero; *Imago Christi Ministri*.

Introdução

Todos os esforços da Igreja, que tem por fim dilatar o Reino de Deus e comunicar a salvação dada a nós no Mistério Pascal de Cristo, são feitos através dos ministérios. Eles constituem a força da Igreja e é através deles que ela realiza sua missão e vocação: instaurar o Reino, proclamar a Salvação. A Trindade Santa em seu projeto salvífico (1Cor 3, 9), fez-nos *Imago Dei* (Gn 1, 15.18), ou seja, imagem da unicidade divina e relações divinas (*Imago Patris, Imago Filii, Imago Spiritus*). No mistério pascal do Filho de Deus encarnado, Ele nos concedeu a graça de estarmos com Ele (Lc 6, 13) e tornou-nos continuadores de seu agir e de sua missão (*Imago Christi Ministri*) porque “a messe grande e poucos são os colaboradores” (Lc 10, 2), por isso: *Caritas Christi urget!* (2Cor 5, 14).

1. O Ministério de Cristo revela o Mistério da Trindade

Através da Encarnação do Filho foi-nos dado conhecer o Pai, que é a fonte do amor. A *Lex Orandi* da Igreja ensina que o próprio Pai envia o Filho e junto com Ele o Espírito e, através deles a Trindade se dá a conhecer: “Ó Deus, nosso Pai, enviando ao mundo a Palavra da verdade e o Espírito santificador, revelastes o vosso inefável mistério. Fazei que, professando a verdadeira fé, reconheçamos a glória da Trindade e adoremos a Unidade onipotente [...]”².

Dessa forma, a vida de Jesus de Nazaré, o Cristo Verbo encarnado, suas ações, gestos e comportamentos, manifestam a vida

2. MISSAL ROMANO, *Oração da Coleta da missa da Solenidade da Santíssima Trindade*.

trinitária. Sua presença e seu agir entre as pessoas está ancorado no amor ao Pai, na força do Espírito: “o Espírito do Senhor está sobre mim, pois Ele me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19). Chamamos de “ministério” a todo agir, a toda ação, que o Senhor faz por nós em vista de comunicar o Reino, dar-nos consciência e vivência da salvação: toda a vida de Cristo, portanto, contém ousia ministerial.

Portanto, na vida ministerial de Jesus se dá a autocomunicação e a revelação de Deus e seu plano salvífico. Em Cristo, a humanidade inteira pode participar da vida divina e, assim, santificar a vida do mundo através da fé e das obras: “Pelo mistério desta água e deste vinho possamos participar da divindade de vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade”³.

Chamando para junto de si discípulos e fazendo deles seus apóstolos, o Senhor Jesus quis, por meio deles, permanecer entre nós (Mt 28, 20) e fazer de seus amigos cooperadores e continuadores de seu ministério, de sua missão: revelar através do serviço amoroso a soberana presença do Deus Amor e seu Reinado⁴.

Assim, os Doze, os apóstolos e os discípulos e discípulas participam do ministério de Jesus, não apenas em relação à sua contingência histórica, como imitação de seu agir, mas em nível transcendental, ou seja, Cristo vive neles e suas vidas estão unidas à d’Ele com vínculos permanentes e definitivos: “Permanecei em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanece na videira, assim também vós se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos, aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15, 4-5).

O estabelecimento em plenitude desse novo vínculo se dá na Páscoa de Cristo e ele abre um novo horizonte de compreensão da condição ministerial humana: “o que viram e ouviram os apóstolos, eles o transmitiram” (1Jo 1, 2). Aqui mora

3. MISSAL ROMANO, *Oração para preparação do vinho e água na missa*.

4. Cf. Roger HAIGHT, *Pecado e Graça*, in Francis S. FIORENZA; John P. GALVIN (orgs.), *Teologia Sistemática: Perspectivas Católico-Romanas*, 1997, p.186-187.

o fundamento cristológico dos ministérios enquanto presença do Vivente dentro da comunidade.

A vivência cristã depende da união ao Mestre Jesus, que chamou discípulos para estarem com Ele (Mc 3, 13-15; Jo 15, 5). A formação de uma comunidade discipular não deve ser entendida como um gesto ocasional de Jesus de Nazaré, o Cristo, mas como é o lugar onde o dom do serviço, dado na criação (*Imago Dei*) e vivido do jeito de Jesus (*Imago Christi*), se manifesta em plenitude como *Imago Christi Ministri*⁵.

2. O ministério de Cristo aberto à colaboração do ser humano

A possibilidade do ser humano cooperar com o ministério de Cristo fundamenta-se num processo ascendente, a partir de uma raiz criatural que se desenvolve até sua manifestação pascal. A raiz

5. Na Iniciação Cristã, a condição criatural humana como *Imago Dei* alcança a plenitude salvífica como *Imago Christi* (cf. Osmar CAVACA, *Imago Dei, Imago Christi: o olhar da Antropologia Teológica*, in João Carlos ALMEIDA (org.), *Imagem e Semelhança de Deus na Mídia*, 2010, p. 77-89). A inserção de nossa vida na vida de Cristo é integral, de modo que ao participarmos do mistério de sua identidade filial, fraterna e livre, também somos unidos de modo essencial à sua missão de anunciar e implantar o Reinado de Deus. Isso significa que somos chamados a participar de modo pascal da condição ministerial de Cristo, da sua missão de fazer em tudo a vontade do Pai (cf. Jo 6, 38). Por causa disso, a *Imago Christi* contém essa dimensão ministerial de modo que o cristão é plenamente Imagem de Cristo quando vive como *Imago Christi Ministri*. Descrevendo em detalhes a *Imago Christi Ministri*, descobrimos que ela indica a tríplice direcionalidade ministerial com a qual o Salvador opera a edificação do reinado de Deus: ele é “leigo” (ele anuncia o Reino), é “religioso” (ele atualiza o Reino), é “ordenado” (ele cuida dos que constroem o Reino). Isso significa que é na Iniciação Cristã que se dá nossa inserção na tríplice índole ministerial de Cristo para agirmos ministerialmente semelhante a ele: somos potencialmente “leigos” (anunciadores), “religiosos” (atualizadores) e “ordenados” (cuidadores). Essas três índoles são atualizadas diferentemente em cada cristão, na medida em que cada um age na construção do Reino, embora se participe pascalmente da unidade crística delas. Essa atualização específica de uma índole, que passa a presidir o agir do cristão, se dá por meio de um convite do Ressuscitado: um chamado vocacional (cf. Eduardo DALABENETA, *Imago Christi Ministri e a tríplice índole ministerial de Cristo (apostila de Teologia do Laicato)*, 2014, p. 1-16).

dessa possibilidade de cooperação, desse dom, está no fato de o ser humano ter sido criado *Imago Dei*⁶ (Gn 1, 26). Ela nos associa ao mistério da vida do Verbo não de modo acidental, mas de modo originário e nos possibilita colaborar, cuidar, conservar tanto a criação natural quanto os demais seres humanos. O ser humano é inicialmente um colaborador antropológico de Deus. Tendo concluído toda a obra da criação, o Criador confia-lhe o cuidado de toda a obra criada (Gn 1, 28).

Com o anúncio do Reino e do projeto salvífico de Deus em Jesus Cristo, a condição ministerial criatural humana ascende a uma nova compreensão e revela uma nova modalidade vinculativa. Pelo fato de em Cristo ser feito filho e filha de Deus, o ser humano participa também da condição ministerial de Cristo: é feito *Imago Christi Ministri*. Com isso, revela-se a plenitude da condição ministerial a qual o ser humano é chamado. Tal inserção na vida ministerial de Cristo abre ao ser humano a dignidade de ser um colaborador filial.

3. O ministério de Cristo nos ministérios da Igreja

O Ministério de Cristo torna o Reino de Deus uma realidade evidente, uma epifania da salvação em meio aos homens e mulheres. Esta missão não se cumpre sem a colaboração dos homens e das mulheres, capacitados pela graça do Espírito. Essa colaboração tem fundamento na participação no tríplice múnus de Cristo que decorre da condição de filhos provinda do batismo. Todo o serviço desenvolvido na comunidade eclesial tem referência ao múnus, de santificar, de ensinar ou de reger de Cristo. Por isso, é dEle que brotam todos os ministérios para a edificação da própria Igreja.

Assim, a Igreja exerce a diaconia ministerial de Cristo, confessa e proclama seu Salvador e ela o faz a partir de todos os seus membros, que pelo batismo se tornam participantes do seu ministério de seu Salvador.

6. Cf. Osmar CAVACA, *Imago Dei, Imago Christi: o olhar da Antropologia Teológica*, in João Carlos ALMEIDA (org.), *Imagem e Semelhança de Deus na Mídia*, 2010, p. 77-89.

Do Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, servo obediente e cheio de misericórdia, brotam todos os ministérios. Ele mesmo, sacerdote eterno e pastor dos pastores, nos ensina a servir a todos. E, escolhendo os dispensadores dos mistérios divinos, reveste-os com variedade de dons e carismas para que, sempre e em toda a parte, ofereçam o sacrifício perfeito, e edifiquem, com a palavra e os sacramentos, a Igreja peregrina e santa, comunidade da Nova Aliança e templo vivo do vosso louvor⁷.

Os homens e mulheres ministros (as) do Senhor são revestidos pelos dons e carismas que o Espírito lhes infunde para que possam agir em nome do próprio Cristo: “Os carismas presentes na Igreja são os carismas de Cristo (atualizados) em nós pelo Espírito. [...] O mesmo Espírito que moveu Jesus, move os cristãos e Ele possibilita continuarmos em nosso presente a sua ação salvadora. [...] Isso significa que os carismas não são ‘coisas’ do Espírito que possam ser sorteados entre os cristãos (objetificados), mas é auto-comunicação em vista do serviço [...]”⁸.

Os serviços que na Igreja advém dos carismas são chamados de ministérios.⁹ Nesse seu ministério salvífico confiado pelo Pai, Cristo insere a Igreja e faz dela “sacramento de salvação”¹⁰. Todos os membros do Corpo¹¹ são responsáveis pela vida do organismo, conforme a missão que a cada um é específica.

7. MISSAL ROMANO, *Prefácio do Sacramento da Ordem*.

8. Eduardo DALABENETA, Os leigos e leigas na Igreja e no mundo, in João Carlos ALMEIDA; Rosana MANZINI; Marcial MAÇANEIRO, *As Janelas do Vaticano II: A Igreja em diálogo com o mundo*, 2013, p. 450.

9. Cf. *Idem*, p. 450-451.

10. Cf. LG 9.

11. Cf. LG 7.

Aqueles que renascem em Cristo constituem a Assembleia dos cristãos e são chamados a ser:	- λαὸς τοῦ Θεοῦ (Povo de Deus) Tt 2, 13-14; 1Pd 2, 9-10; Εκκλησία τοῦ Θεοῦ (Igreja de Deus) 1Ts 2, 14; 1Tm 2, 5; 1Cor 1, 2; Εκκλησία τοῦ Χριστοῦ (Igreja de Cristo) Gl 1, 22.
Todos os que fazem parte desta comunidade são chamados a viver como...	- Ἅγιοί (Santos) Cl 1, 2; κλητοί (Eleitos) 1Ts 1, 4; Ἀδελφοί (Irmãos) At 6, 3; κληρονόμοι (Herdeiros) Rm 8, 17; Μαθηταί (Discípulos); ἱερεῖς (Sacerdotes) 1Pd 2, 5.9. Também comungam da condição de serem chamados a viverem: Oração: προσευχή (At 2, 42); Liturgia e Fração do Pão: λειτουργία (At 13, 2) / κλάσις τοῦ ἄρτου (At 20, 7); Missão/Evangelizar e Testemunho: αποστολή / εὐαγγελίζω / μαρτυρία (At 8, 4); Palavra de Deus: λόγος τοῦ Θεοῦ (At 10, 44); Serviço: διακονία (At 11, 29).
... e neles existe, consequentemente, uma erupção carismática (ou arranjo carismático) pelo fato de serem templos vivos do Espírito...	- λόγος σοφίας (Palavra de Sabedoria); λόγος γνώσεως (Palavra de Ciência); χαρίσματα ἰαμάτων (Dom de cura); ἐνεργήματα δυνάμεων (Dons de curas); διακρίσεις πνευμάτων (Discernimentos dos espíritos); διδάσκων (dom de ensino). Todos os carismas contêm a força pneumatológica de διακονία (Diaconia = serviço) conforme a lista de Paulo em Rm 12, 6-8, 1Cor 12, 4-11 e Ef 4, 11.
...em vista de colaborarem com o Ministério de Cristo por meio de diferentes ministérios.	- ἀπόστολος: apóstolo (Rm 12, 6-8); προφήτης: profeta (1Cor 12, 28); διδασκάλους: mestre de ensino (1Cor 12, 28; At 13, 1); κυβέρνησις: administrar (1Cor 12, 28); λειτουργὸν Χριστοῦ ἡ ἡσοῦ εἰς τὰ ἔθνη: ministro de Cristo Jesus para as nações (Rm 15, 16); διακονεῖν τραπέζαις: servir as mesas (At 6, 2, Fl 1, 1); εὐαγγελιστής: evangelista (At 21, 8); κατηχούμενος τὸν λόγον τῷ κατηχοῦντι: instruídos na Palavra instrutora [...] = Ensinantes/catequistas (Gl 6, 6); ἐπίσκοπος: Epíscopo/Supervisor (Fl 1, 1); πρεσβύτερος: Ancião/Presbítero (1Pd 5, 5).

Nesse sentido, o ministério salvífico de Jesus, em todas as suas múltiplas faces, constitui o modelo de todos os ministérios da comunidade: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29). Isto significa que desde os mais simples até os mais complexamente organizados, todos os ministérios estão simplesmente ordenados à salvação e a dilatarem as várias dimensões do plano salvífico de Deus.

A Igreja, “a partir de Cristo”¹², mostra-se como “sacramento da salvação” nas suas obras missionárias e evangelizadoras porque “ela recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o Reino de Cristo e de Deus”¹³. Quando os ministros da Igreja se põem em missão e pregam o Evangelho, estão dando continuidade ao mesmo ministério missionário e evangelizador de Cristo¹⁴ e é Ele mesmo que se faz presente nas missões, dando a Sua Vida plenamente, curando e salvando (Mt 28, 20). A Igreja também revela sua condição de “sacramento da salvação” por meio da oração e da ação litúrgica, porque a sua oração é unida à oração de Cristo ao Pai (Mt 6, 9) e pela ação litúrgica o mundo é santificado pela força do Espírito. É no interior dessa condição de serviço que nasce a autêntica espiritualidade cristã, ou seja, diálogo com o Pai do jeito ensinado por Jesus: filial, fraterno e libertador.

No entanto, os colaboradores do Senhor nos diversos ministérios muitas vezes se perdem e põem diversas resistências para a vivência ministerial. Nesses casos, é preciso ter olhos fixos no Senhor (1Pd 3, 12) porque Seu ministério converte a vida ministerial da Igreja e de todo cristão. Quando uma comunidade olha para outros lugares, para outros exemplos, deixando-se ensinar por outros “mestres” e entrega os seus ouvidos às fábulas, acaba por desviar-se da verdade (2Tm 4, 3-4) e seu ministério torna-se vão e infrutífero. A vida ministerial da comunidade cristã precisa estar consciente e viver o que está em Ap 3, 17-18: “Aconselho-te a comprares de mim ouro

12. Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 2001, n. 29.

13. LG 5.

14. Cf. LG 17.

purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez, e colírio para que unjas os olhos e possas enxergar”. Este é o caminho de cada ministro e de toda a comunidade ministerial.

Quem acolhe a Boa-Nova do Reino de Deus muda a sua vida de acordo com os valores que Jesus viveu e ensinou. As comunidades cristãs aprenderam com Jesus que o Pai deseja que todos se considerem irmãos, que haja igualdade entre homem e mulher, que ocorra a partilha dos bens e que o poder deve ser exercido como serviço. O perdão ocupa o lugar da condenação mútua. Essa nova visão dos relacionamentos supõe uma conversão que até hoje nos desafia¹⁵.

4. A força ministerial de Cristo na ação pastoral da Igreja

Todos os batizados são responsáveis pela construção do Reino e estão vinculados ao ministério salvífico de Cristo. Toda a atividade da Igreja que se destina para este fim é definida como apostolado¹⁶. Cada um colabora nessa missão a partir dos dons e carismas que recebeu e do ministério que é chamado a desenvolver.

Unidos ao ministério de Cristo, o cristão responde à sua vocação e realiza um autêntico apostolado. A partir disso, a “vida pastoral” da Igreja mostra-se como possibilidade de vivência ministerial e de realização da *Imago Chisti Ministri* de cada cristão. As diversas atividades e serviços da Igreja são possibilidades para as pessoas colocarem seus dons e carismas a serviço e se associarem ao ministério salvífico de Jesus. Com isso, o Reino vai se dilatando com a colaboração de cada membro do Corpo Místico. A vida catequética, o serviço de ajuda social, a atividade missionária, os diversos serviços de comunicação social, a vida política, o administrar bem uma comunidade e paróquia, enfim, todo o cotidiano do cristão (trabalho, estudo, vida doméstica etc.) são espaços onde se pode

15. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, 2013, n. 171.

16. Cf. AA 2.

agir ministerialmente a partir do ministério de Cristo.

Isso significa que a vida pastoral é sustentada pelo ministério de Cristo – que lhe dá sentido, direção e corrige quando necessário – e pelo Reino de Deus – que é seu cotidiano, sua meta e sua esperança. Ao mesmo tempo, responder ministerialmente ao “façais o mesmo que Eu fiz” (Jo 13, 15) de Jesus significa ir às periferias do mundo, da vida da pessoa humana e ao interno delas ser ministro (a) do Senhor. Somente uma autêntica espiritualidade cristã, que considera a cruz e as chagas de Cristo, é capaz de fazer a comunidade ministerial envolver-se com o sofrimento humano, a fim de restaurar, de reparar e curar.

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo¹⁷.

Considerações finais

Em tempos em que celebramos a alegria de uma Igreja ministerial, muitos desafios se apresentam aos colaboradores do Senhor: a autorreferencialidade, a autossuficiência, a mediocridade etc. Como remédio à esses desafios, precisamos viver como filho, como irmão e como pessoa livre, pois estas relações se impõem como condições para se viver concretamente a *Imago Christi Ministri*.

O outrora como as primeiras comunidades cristãs, somos interpelados a voltarmos ao primeiro amor (Ap 2, 4-5) porque é do

17. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium. A alegria do evangelho: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, 2013, n. 270.

ministério de Cristo que devem viver as nossas comunidades hoje. A vida de Paulo e de tantos outros cristãos se impõe a nós, questionando nossas consciências, nossas seguranças e nossas acomodações em nossa vivência ministerial:

Ó gálatas [cristãos do século XXI] sem juízo! Quem foi que os enfeitiçou, a vocês que tinham diante dos olhos os traços bem claros de Jesus crucificado? Quero saber somente isso de vocês [...] são vocês tão sem juízo, que começaram com o Espírito e terminaram agora com a carne? Foi em vão que vocês experimentaram coisas tão grandes? (Gl 3, 1-3) [...] Onde foi parar a alegria que tinham? (Gl 4, 15) [...] Se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, tomem cuidado: irão acabar destruindo-se mutuamente (Gl 5, 15).

Poderá acontecer-nos que quando menos esperamos, sejamos visitados pelo Senhor, como outrora foi Zaqueu, ou sejamos encontrados pelo caminho, como os discípulos de Emaús, e sejamos postos pelo Mestre numa situação semelhante à dEle:

Os letrados lhe apresentaram uma mulher surpreendida em adultério, a colocaram no centro, e lhe disseram: - Mestre, esta mulher foi pega em flagrante adultério. A lei de Moisés ordena que tais mulheres sejam apedrejadas; que dizes tu? Jesus agachou-se e com o dedo começou a escrever no chão. Como insistissem com as suas perguntas, levantou-se e disse-lhes: - Quem de vós estiver sem pecado atire a primeira pedra. Novamente agachou-se e continuou a escrever no chão. Os ouvintes foram se retirando um a um, começando pelos mais velhos até o último. Ficou só Jesus e a mulher de pé no centro. Jesus se levantou e lhe disse: - Mulher, onde estão? Ninguém te condenou? Respondeu: - Ninguém, Senhor. Disse-lhe Jesus: - Tampouco eu te condeno. Vai e de agora em diante não peques mais (Jo 8, 1-11).

A filiação é constantemente negada à mulher por aqueles que a acusam; ninguém lhe dirige uma atitude de fraternidade; de to-

dos os lados, inclusive internamente, ela está constrangida, impedida de mover-se. O que fazer, como agir?

A presença de Jesus sinaliza e dá início a uma mudança. Com seu agir ministerial o Reino começa a acontecer na mulher e nos que estão em volta dela: Jesus permanece em silêncio; ele se abaixa; ele escreve no chão; ele olha para a mulher; ele dialoga com a mulher; ele dialoga com demais presentes. Ele não “muda” as pessoas, o lugar ou o fato, mas encaminha todos para além das turvas e tumultuadas águas em que estão; move as pessoas ao essencial, que pode ser visível aos olhos se houver a decisão de ir à profundidade das coisas e das pessoas.

Quando esse encontro acontecer em nossas vidas, estejamos vigilantes e com as lâmpadas acesas (Mt 25, 1-15), porque Ele poderá nos fazer uma pergunta, lançar um desafio e dar-nos uma missão que poderá exigir a nossa vida como resposta: “O que vocês estão procurando?” (Jo 1,38-39), “[...] Vinde e vede” (Jo 1,38-39), “[...] Façaís o mesmo que Eu fiz” (Jo 13, 15).

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição revista e ampliada*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CAVACA, Osmar. Imago Dei, Imago Christi: o olhar da Antropologia Teológica. In ALMEIDA, João Carlos (org.). *Imagem e Semelhança de Deus na Mídia*. São Paulo: Loyola, 2010 p. 77-89.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) sobre a Igreja”. In *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 19a ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 39-114.
- _____. “Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA) sobre o Apostolado dos Leigos”. In *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 19a ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 529-564.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. São Paulo: Paulus, 2013.
- DALABENETA, Eduardo. *Imago Christi Ministri e a tríplice índole ministerial de Cristo (apostila de Teologia do Laicato)*. Taubaté: pro manuscrito, 2014, p. 1-16.